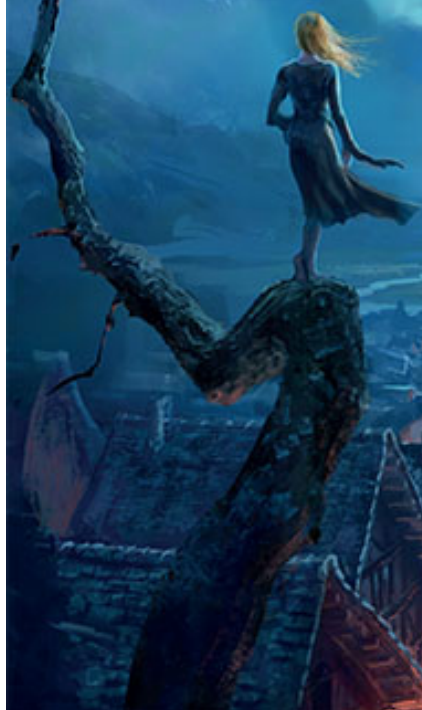


Patrick Rothfuss

Autor de *O nome do vento*

A MÚSICA
~ DO ~
SILÊNCIO





O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

Para Vi, porque sem ela talvez não houvesse história alguma.
E para Tunnel Bob, pois sem ele não existiria Auri.



Sumário



- 9 • Prefácio do autor
- 11 • O fundo bem profundo das coisas
- 39 • O que um olhar acarreta
- 57 • Linda e quebrada
- 63 • Um lugar aprazível bem incomum
- 71 • Vazio
- 72 • A escuridão raivosa
- 89 • Freixo e borralho
- 103 • Tudo conforme o desejo dela
- 105 • A maneira graciosa de agir
- 116 • O coração oculto das coisas
- 126 • Coda
- 128 • Nota final do autor

Prefácio do autor

TALVEZ VOCÊ NÃO queira comprar este livro.

Eu sei, não se espera que um autor diga esse tipo de coisa. O pessoal do marketing não vai gostar. Minha editora terá um ataque. Mas prefiro ser honesto com você logo de saída.

Primeiro, se você não leu meus outros livros, é melhor não começar por este.

Os dois primeiros são *O nome do vento* e *O temor do sábio*. Se você tem curiosidade de conhecer o que escrevo, comece por eles. São a melhor introdução ao meu mundo. Este livro fala sobre Auri, uma das personagens daquela série. Sem o contexto daqueles livros, provavelmente você se sentirá bem perdido.

Segundo, mesmo que *tenha* lido meus outros livros, acho justo avisar que esta é uma história um pouquinho estranha. Não gosto muito de dar *spoilers*, mas basta dizer que esta aqui é... diferente. Não tem um monte de coisas que costuma haver em uma história clássica. E, se você estiver esperando uma continuação da história do Kvothe, não vai encontrá-la aqui.

Por outro lado, se quiser saber mais sobre a Auri, este livro tem muito a lhe oferecer. Se você gosta de palavras e mistérios e segredos. Se sente curiosidade sobre os Subterrâneos e a alquimia. Se deseja conhecer melhor os meandros ocultos do meu mundo...

Bem, nesse caso, talvez este livro seja para você.

O fundo bem profundo das coisas

QUANDO ACORDOU, AURI soube que tinha sete dias.

Sim. Tinha certeza. Ele chegaria para uma visita no sétimo dia.

Um longo tempo. Longo para esperar. Mas não muito longo para tudo o que precisava ser feito. Não se ela fosse cuidadosa. Não se quisesse estar pronta.

Ao abrir os olhos, Auri viu uma nesga de luz. Coisa rara, já que estava bem escondidinha no Manto, o mais íntimo dos seus lugares. Era um dia branco, portanto. Um dia profundo. Dia de achar. Ela sorriu, com o peito efervescendo de animação.

A luz era suficiente apenas para ela ver a forma pálida de seu braço quando os dedos acharam o vidro de conta-gotas, na prateleira de cabeceira. Auri o abriu e deixou cair apenas uma gota no prato de Foxen. Após um momento, ele começou a se iluminar aos poucos, até chegar a um pálido azul-crepúsculo.

Auri afastou o cobertor, movendo-se com cautela para que ele não encostasse no chão. Desceu da cama e sentiu o piso de pedra

aquecer-se sob seus pés. Sua bacia descansava sobre a mesa junto à cama, ao lado de uma lasca do seu sabonete mais doce. Nada havia mudado durante a noite. Isso era bom.

Auri pingou outra gota bem em cima de Foxen. Hesitou, depois sorriu e deixou cair uma terceira gota. Nada de meias medidas num dia de achar. Recolheu então o cobertor e foi fazendo uma dobra após outra, prendendo-o com cuidado sob o queixo para que não roçasse no chão.

A luz de Foxen continuou a aumentar. Primeiro, uma simples cintilação: um pontinho, uma estrela distante. Em seguida, uma parte maior dele foi ficando iridescente, com a intensidade de um pirilampo. E mais e mais cresceu seu fulgor, até ele tremular inteiro de brilho. Então, sentou-se orgulhoso em seu prato, parecendo uma brasa azul-esverdeada, um pouco maior que uma moeda.

Auri lhe sorriu enquanto ele acabava de se levantar e inundava o Manto inteiro com sua mais fiel e mais brilhante luz branco-azulada.

Em seguida, Auri olhou em volta. Viu sua cama perfeita. Do seu tamanho exato. Exatinho. Contemplou sua cadeira. Sua caixa de cedro. Sua minúscula xícara de prata.

A lareira estava vazia. E no console acima dela se encontravam sua folha amarela, sua caixa de pedra e seu pote de vidro cinzento, cheio de alfazema doce desidratada. Nada era nada mais. Nada era nada que não devesse ser.

Havia três saídas do Manto. Um corredor e um portal e uma porta. Esta última não era para ela.

Auri tomou o portal rumo ao Porto. Foxen continuava descansando em seu prato, por isso a luz ali era mais tênue, porém ainda forte o bastante para se enxergar. O Porto não andava muito movimentado nos últimos tempos, mas, ainda assim, Auri verificou cada coisa ao redor. No suporte para garrafas de vinho descansava a metade de um prato de porcelana quebrado, não mais grossa que uma pétala de flor. Abaixo dele ficavam um livro in-oitavo encadernado

em couro, um par de rolhas, uma bolinha de barbante. Mais para um lado, a refinada xícara branca que pertencia a ele o esperava, com uma paciência que Auri invejou.

Na estante da parede havia uma gota de resina amarela num prato. Uma rocha preta. Uma pedra cinzenta. Um pedaço plano e liso de madeira. Separado de todo o resto ficava um potinho minúsculo, com a tampa hermética aberta como um pássaro faminto.

Na mesa central via-se um punhado de drupas de azevinho sobre uma toalha branca e limpa. Auri fitou-as por um momento e as levou para a estante, um poleiro para o qual eram mais adequadas. Correu os olhos pela sala e meneou a cabeça em sinal afirmativo. Tudo certo.

De novo no Manto, lavou o rosto, as mãos e os pés. Tirou a camisola e a dobrou, pondo-a em sua caixa de cedro. Espreguiçou-se, feliz, levantando os braços e se erguendo bem alto nas pontas dos pés.

Pôs então seu vestido favorito, o que ele lhe dera. Tinha um toque suave em sua pele. O nome dela ardia como fogueira em seu peito. Aquele seria um dia atarefado.



AURI APANHOU FOXEN E O CARREGOU aninhado na palma da mão. Atravessou o Porto, esgueirando-se por uma rachadura denteada na parede. Não era uma passagem larga, mas Auri era tão pequena que mal precisou virar os ombros para não roçar nas pedras quebradas. Não foi nem de longe um aperto.

Van era um cômodo alto, com paredes retas e brancas de pedras encaixadas, um lugar de ecos vazios, exceto pelo espelho de corpo inteiro. Nesse dia, porém, havia mais uma coisa: uma delicadíssima nesga de sol. Ela se infiltrava pelo topo de um portal em arco repleto de escombros: madeira quebrada, blocos de pedra caídos. Mas ali, bem no alto, uma manchinha de luz.

Auri parou diante do espelho e pegou a escova de cerdas, pendurada na moldura de madeira. Escovou os fios emaranhados pelo sono até o cabelo cair a seu redor feito uma nuvem.

Fechou a mão sobre Foxen e, sem a luminosidade azul-esverdeada que ele emitia, o quarto ficou escuro como a escuridão. Auri arregalou os olhos e não conseguiu ver nada além do vago e suave borrão de luz cálida que se derramava para lá dos detritos, muito acima e atrás dela. A pálida luz dourada ficou presa em sua pálida cabeleira dourada. Auri sorriu para seu reflexo no espelho. Parecia o sol.

Levantando a mão, revelou Foxen e pulou depressa para o labirinto espalhado da Rubrica. Não levou nem um minuto para achar um cano de cobre com o tipo certo de revestimento de pano. Mas encontrar o *lugar* perfeito, bem, esse era o xis da questão, não era? Ela seguiu o cano pelos túneis redondos de tijolo vermelho ao longo de quase um quilômetro, tomando o cuidado de não o deixar escapular por entre os inúmeros outros canos entrelaçados.

E então, sem o menor indício de aviso, o cano dobrou bruscamente e mergulhou direto na parede, abandonando-a. Que grosseiria. Havia inúmeros outros canos, é claro, mas os fininhos, de estanho, não tinham nenhum revestimento. Os de aço polido, gelados, eram novos demais. Os de ferro eram tão sôfregos que chegava a ser quase embaraçoso, cobertos de puro algodão, o que significava mais trabalho do que ela estava disposta a ter naquele dia.

Assim, seguiu um cano gordo de cerâmica que avançava, desajeitado. Ele acabou se enfurnando sob o chão, mas, no ponto em que fez a curva, seu envoltório de linho ficou solto e esfarrapado como a camisa de um menino maltrapilho. Auri sorriu e desenrolou a tira de tecido com dedos suaves, tomando enorme cuidado para não rasgá-la.

Acabou por soltá-la. Perfeita. Um pedaço único e diáfano de linho acinzentado do comprimento do braço de Auri. Estava cansado, mas bem-disposto; depois de dobrá-lo bem, Auri deu

meia-volta e disparou feito louca pelo Umbroso, cheio de ecos, e desceu mais e mais até o Doze.

O Doze era um dos raros lugares mutáveis dos Subterrâneos. Era sábio o bastante para se conhecer, corajoso o bastante para *ser* ele mesmo e impetuoso o bastante para se modificar, ainda que, de algum modo, se mantivesse inteiramente correto. Era quase único nesse aspecto e, embora nem sempre fosse seguro ou bondoso, Auri não podia deixar de sentir afeição por ele.

Naquele dia, o arco alto do espaço estava exatamente como ela havia esperado: animado e luminoso. O sol entrava feito uma lança pela grade no topo e batia no vale profundo e estreito do lugar cambiante. A luz se infiltrava por canos, vigas de sustentação e pela linha reta e forte de uma antiga passarela de madeira. O longínquo barulho da rua descia até o fundo bem profundo das coisas.

Auri ouviu o som de cascos de cavalo nas pedras do pavimento, nítido e redondo como um estalar de dedos. Escutou o ribombar distante de uma carroça que passava e a mistura indistinta de vozes. E em tudo se entremeava o choro agudo e aborrecido de um bebê, que obviamente queria o peito e não estava sendo atendido.

No fundo do Doze Amarelo havia um poço comprido e fundo, de água lisa como vidro. A luz do alto era tão forte que deixava Auri ver toda a descida, até o segundo emaranhado de canos sob a superfície.

Ela já tinha palha ali, e três garrafas esperavam numa prateleira estreita de pedra numa das paredes. Ao observá-las, porém, Auri franziu a testa. Havia uma verde, uma marrom e uma transparente. Havia uma tampa larga de pressão, uma tampa cinza de torcer e uma rolha gorda como um punho. Todas tinham formas e tamanhos diferentes, mas nenhuma era propriamente certa.

Exasperada, Auri levantou as mãos.

Então, voltou correndo ao Manto, pés descalços batendo na pedra. Lá chegando, olhou para o pote de vidro cinzento em que ficava

a alfazema. Pegou-o, examinou-o criteriosamente e o repôs em seu lugar antes de sair correndo outra vez.

Cruzou o Porto às pressas, agora saindo pelo portal inclinado, em vez de pela rachadura na parede. Subiu contorcendo-se pelo Vime enquanto Foxen lançava sombras extravagantes nas paredes. Quando ela corria, o cabelo a seguia, esvoaçante como uma flâmula.

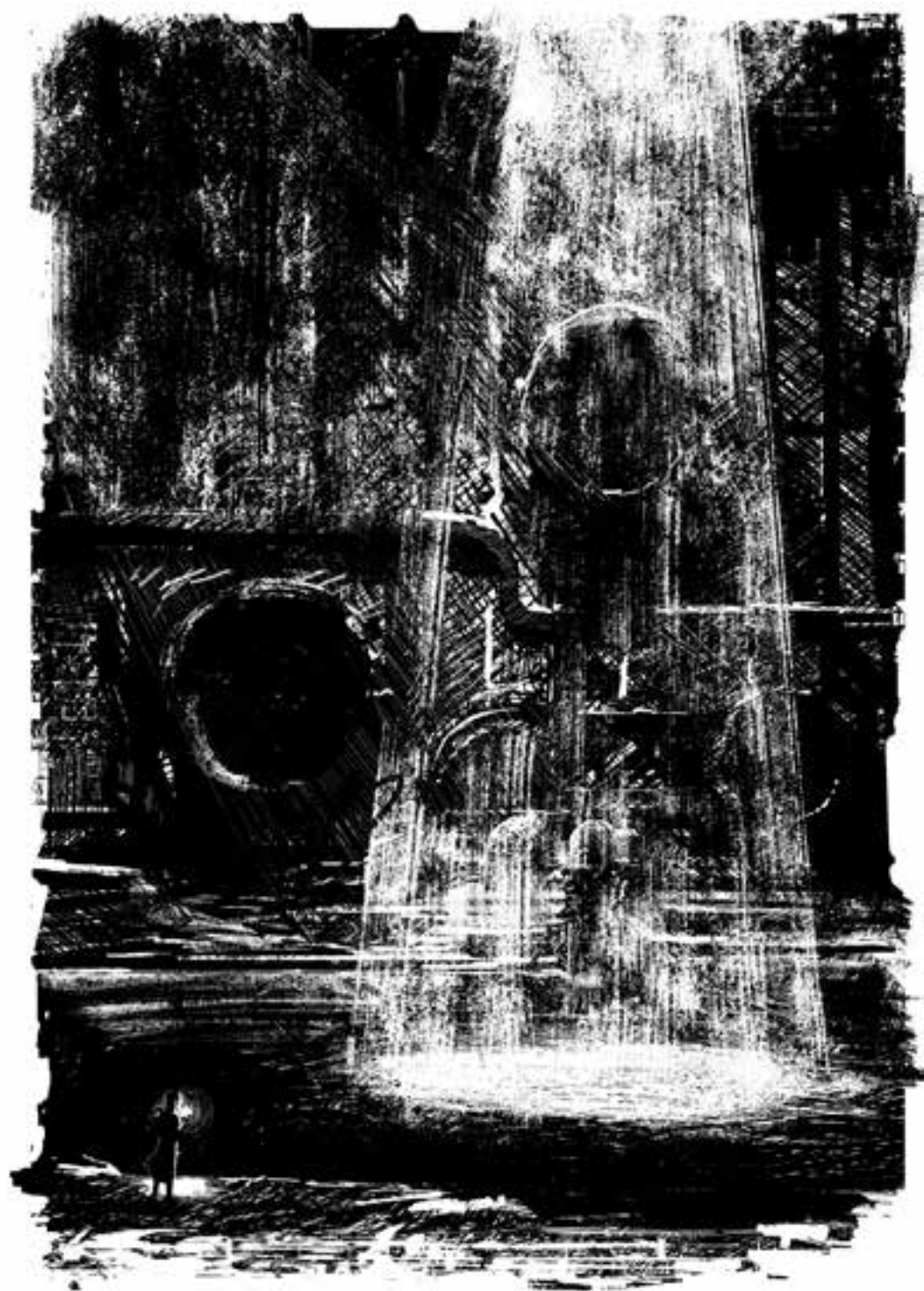
Auri desceu a escada em espiral que atravessava a Casa das Trevas descendo e girando, descendo e girando. Enfim ouviu água em movimento e o tilintar de vidros e soube que havia cruzado o limiar de Tinidos. Logo depois, a luz de Foxen refletiu-se na poça turva de águas negras que engolia a base da escada.

Havia ali dois potes de vidro equilibrados sobre um nicho raso. Um azul e estreito. Um verde e atarracado. Auri inclinou a cabeça, fechou um olho e estendeu a mão para tocar no verde com dois dedos. Sorriu, pegou-o e subiu correndo a escada.

Na volta, foi pelos Saltos, para mudar de ares. Em disparada pelo corredor, saltou a primeira fissura profunda do piso partido com a agilidade de uma dançarina. Sobre a segunda, pulou com a leveza de um pássaro. Superou a terceira com a impetuosidade de uma mocinha bonita que se parecia com o sol.

Entrou no Doze Amarelo totalmente esbaforida. Enquanto recobrava o fôlego, pôs Foxen dentro do pote verde, acolchoou-o bem com a palha e travou o gancho sobre a borracha de vedação, fechando hermeticamente a tampa. Segurou o recipiente na altura do rosto, deu um sorriso, beijou o vidro e o depôs com cuidado na borda do poço.

Despiu seu vestido favorito e o pendurou num cano reluzente de latão. Sorriu e estremeceu um pouco, com peixinhos nervosos nadando em sua barriga. Depois, inteiramente nua, juntou a cabeleira flutuante com as mãos. Puxou-a para trás e a prendeu, torcendo e atando os cabelos na nuca com a velha tira de linho cinzento. Quanto terminou, havia formado um longo rabo de cavalo que lhe descia até a cintura.



Com os braços bem junto do peito, deu dois passos minúsculos e parou diante do poço. Mergulhou a ponta do dedão na água, depois o pé inteiro. Sorriu ao senti-la, fria e doce como hortelã. Em seguida, entrou parcialmente no poço, as pernas balançando acima da água. Ela se equilibrou por um instante, sustentando o peso do corpo despido sobre as mãos, longe da borda.

Mas não havia como evitar. Assim, Auri franziu os lábios e se resignou a descer o que faltava. Não havia nada de hortelã na borda fria de pedra. Foi um impacto brusco, sem graça, no tra-seiro tenro de sua nudez.

Então, ela se virou e começou a baixar o corpo na água. Foi descendo devagar, remexendo os pés até encontrar a pequena saliência de pedra. Agarrou-a com os dedos dos pés, mantendo-se dentro do poço com a água na altura das coxas. Respirou fundo algumas vezes, estreitou bem os olhos e arreganhou os dentes, depois soltou os pés e afundou o bumbum. Deu uns gritinhos e o frio fez todo o seu eu arrepiar-se.

Passado o pior, Auri fechou os olhos e mergulhou também a cabeça. Arfando e piscando, esfregou os olhos para afastar a água. Teve então sua grande tremedeira geral, com um braço cobrindo os seios. Mas, quando o tremor passou, sua careta tinha virado um sorriso.

Sem seu halo de cabelo, Auri sentia-se pequena. Não era a pequenez pela qual se esforçava todos os dias. Não a pequenez de uma árvore entre as árvores. De uma sombra no subterrâneo. E também não era só a pequenez do corpo. Auri sabia não haver muito dela. Quando pensava em se olhar mais de perto no espelho de pé, a jovem que via era miúda como um pivete pedindo esmolas na rua. A jovem que via era magra como a magreza. Ossos malares altos e delicados. Clavícula saliente.

Mas não. Com o cabelo puxado para trás, e ainda por cima

molhado, ela se sentia... menor. Comprimida. Embaciada. Mais frágil. Lograda. Ilusória. Aflita. Seria puro desprazer sem a tira perfeita de linho. Não fosse isso, ela não se sentiria apenas como um pavio enrolado, mas completamente desfeita, derretida. Valia a pena fazer as coisas direito.

Por fim, o último de seus tremores cessou. Ainda havia peixes se revirando na barriga, mas seu sorriso era ansioso. A luz dourada do dia, vinda do alto, batia no poço, reta e brilhante e firme como uma lança.

Auri inspirou fundo, depois expeliu o ar, remexendo os dedos dos pés. Tornou a respirar profundamente e expirou mais devagar.

Fez o mesmo pela terceira vez. Segurou o gargalo do vidro de Foxen numa das mãos, soltou a borda de pedra do poço e mergulhou por completo.



O ÂNGULO DA LUZ ERA PERFEITO, e Auri viu com extrema clareza o primeiro emaranhado de canos. Veloz como um peixinho prateado, girou o corpo e os atravessou, deslizando suavemente, sem se deixar tocar por nenhum.

Abaixo desse vinha o segundo emaranhado. Auri afastou com o pé um velho cano de ferro para continuar a descer, depois, ao passar, puxou uma válvula com a mão livre, mudando de velocidade e deslizando pelo espaço estreito entre dois canos de cobre da espessura de um pulso.

A luz em lança esmaeceu à medida que ela foi afundando, e sobrou apenas o brilho azul-esverdeado de Foxen. Mas ali o cintilar dele se tornava desbotado, filtrado pela palha, pela água e pelo vidro verde grosso. Auri fez um O perfeito com a boca e soprou duas carreiras rápidas de bolhas. A pressão aumentou com a descida, e algumas formas pairaram vagamente perto dela no escuro. Uma

velha passarela, uma laje inclinada de pedra, uma antiga viga de madeira coberta de algas.

Seus dedos estendidos encontraram o fundo antes de seus olhos, e Auri deslizou a mão pela superfície entrevista do leito liso de pedra. Para lá e para cá. Para lá e para cá. Rápida, mas atentamente. Às vezes havia coisas cortantes por ali.

Ela fechou os dedos em torno de algo comprido e liso. Um bastão? Auri o encaixou embaixo do braço e se deixou boiar de volta para a luz distante, lá em cima. Com a mão livre, encontrou canos conhecidos e foi puxando e conduzindo, ziguezagueando pelo labirinto de formas vislumbradas. Seus pulmões começaram a doer um pouco e ela soltou uma fileira de bolhas ao subir.

Seu rosto rompeu a superfície perto da borda e, à luz dourada, ela viu o que tinha encontrado: um osso branco e limpo. Comprido, mas não era de uma perna. Um braço. O *primus axial*. Auri correu os dedos por toda a extensão e sentiu uma emenda minúscula, que corria em toda a circunferência como um anel, mostrando que ele já fora quebrado e cicatrizara havia muito tempo. Era cheio de sombras agradáveis.

Sorrindo, Auri o pôs de lado. Depois, respirou fundo três vezes, bem devagar, segurou Foxen com firmeza e tornou a mergulhar no poço.

Dessa vez, entalou o pé entre dois canos, perto do segundo emaranhado. Que azar! Franziu a testa e puxou; após meio instante, conseguiu libertar-se. Solto metade do ar dos pulmões e bateu os pés com força, afundando feito uma pedra no fundo negro.

Apesar do mau começo, foi uma captura fácil. Seus dedos tocaram um emaranhado de uma coisa ou outra antes mesmo de chegarem ao fundo. Ela não fazia ideia do que era. Algo metálico, escorregadio e duro, tudo ao mesmo tempo. Auri acomodou o objeto junto ao peito e recomeçou a subir.

Dessa vez, não pôde enfiar seu achado embaixo do braço, por

medo de perder alguma parte dele. Assim, aninhou o vidro com Foxen na dobra do braço e deu impulso para cima com a mão esquerda. Foi uma sensação boa, equilibrada, e ela chegou à superfície sem nem ter que soltar o resto do ar.

Estendeu o emaranhado na borda do poço: um cinto velho, com uma fivela de prata tão manchada que estava preta feito carvão. Um galho folhoso, com um caramujo perplexo. E por último, mas não menos importante, presa num pedaço de corda podre, toda enroscada no galho, uma chave fina, do tamanho do seu dedo indicador.

Auri beijou o caramujo e pediu desculpas antes de devolver o galho à água, que era o seu lugar. O couro do cinto estava todo enrolado, mas com um simples puxão a fivela se soltou. Os dois ficaram melhor assim.

Agarrada à borda de pedra do poço, agora Auri tinha sido tomada por ondinhas de tremor, que se deslocavam por seus ombros e seu peito. Os lábios tinham passado de rosa-vivo a um rosa pálido, com um toque de roxo.

Ela pegou o vidro de Foxen e checkou se estava bem vedado. Olhou para a água, os peixinhos na barriga nadando, animados. A terceira vez era a que valia.

Auri respirou fundo e tornou a mergulhar, o corpo rodopiando suavemente, a mão direita encontrando todos os pontos de apoio amigos. Descendo para a escuridão. A pedra. A madeira. Depois, nada além da tênue luz de Foxen, que coloria a mão estendida dela de um pálido azul-esverdeado. Devia estar parecendo uma ninfa das águas.

Os nós de seus dedos roçaram o fundo e ela girou um pouco para se orientar. Bateu os pés e moveu a mão, vasculhando de leve o chão de pedra negra do poço. Viu então um lampejo de luz e seus dedos esbarraram em algo sólido e frio, de contornos definidos e lisos. Estava cheio de amor e de respostas, tão cheio que ela os sentiu vazarem a seu mais leve toque.

Durante o período de dez fortes batidas do coração, Auri achou que o objeto devia estar preso à pedra. Depois, ele deslizou e ela se deu conta da verdade. Era pesado. Após um momento longo e escorregadio, descobriu um jeito de levantá-lo com seus dedos pequeninos. Era um metal sólido, grosso como um livro. Tinha um formato estranho e pesava como uma barra de irídio puro.

Auri o levou ao peito e sentiu as bordas afundarem em sua pele. Então, dobrou os joelhos e deu um forte impulso para cima com os dois pés, olhando para o luzir distante da superfície.

Bateu os pés sem parar, mas mal pareceu se mover. A coisa metálica pesava, puxando-a para baixo. Seu pé bateu com força num cano grosso de ferro, e Auri aproveitou para se posicionar e dar outro impulso. Sentiu um ímpeto de movimento, que diminuiu assim que seus pés deixaram o cano para trás.

Agora os pulmões lutavam contra ela. Ainda meio cheios, os tolinhos queriam ar. Ela soltou um punhado de bolhas na tentativa de enganá-los, sabendo que cada bolha perdida a empurraria para baixo e que ainda não estava nem perto do emaranhado inferior.

Tentou deslocar a coisa metálica para a dobra do braço, a fim de poder usar a mão para dar impulso. Na tentativa, porém, o metal liso escorregou um pouco em seus dedos. No pânico repentino que se seguiu, ela o agarrou, atrapalhou-se, e o vidro de Foxen esbarrou em alguma forma invisível, escorregando e se soltando da mão de Auri.

Ela tentou pegá-lo com a mão livre, mas os nós de seus dedos só fizeram empurrar Foxen para mais longe. Por um instante, Auri ficou paralisada. Deixar o metal cair seria impensável. Mas Foxen... Ele estava em sua companhia desde sempre...

Auri viu o vidro de Foxen ser apanhado em um redemoinho e rodopiar para fora do seu alcance, atrás de um trio de canos inclinados de cobre. Àquela altura, seus pulmões estavam zangados. Ela trincou os dentes e agarrou a saliência de uma pedra próxima com a mão agora livre, impulsinando o corpo para cima.

Os pulmões arfavam com força, de modo que ela foi soltando lentamente o ar, apesar de ainda nem ter vislumbrado o emaranhado inferior. Estava escuro sem Foxen, porém ao menos ela continuava em movimento, subindo com arrancos desajeitados, usando qualquer ponto de apoio desconhecido que conseguia encontrar. Batia os pés, mas isso não adiantava muito, sobrecarregada como estava com o pesado pedaço de amor contundente e duro que levava junto ao peito com tanta força. Seriam as respostas contidas nele que lhe davam tanto peso?

Por fim, Auri arrastou-se para o emaranhado inferior de canos, mas agora seus pulmões estavam vazios e o corpo pesava feito chumbo. Em geral ela se contorcia por entre o emaranhado feito um peixe, sem que o corpo sequer roçasse os canos. Mas estava pesada e sem ar. Com uma das mãos, bateu e lutou para achar o caminho entre os tubos. Bateu com o joelho e raspou freneticamente as costas por algo áspero de ferrugem. Esticou um braço, mas, por causa do peso, seus dedos não chegaram nem a roçar no apoio habitual.

Auri bateu os pés, ganhou mais uns 5 centímetros e então, embora o houvesse amarrado com todo o cuidado, seu cabelo prendeu em alguma coisa. O puxão repentino a fez parar, jogando-lhe a cabeça para trás e fazendo seu corpo girar de lado na água.

Quase de imediato, ela sentiu que começava a afundar. Contorceu-se furiosamente. Bateu com a canela num cano, o que fez todo o seu eu formigar de dor, mas procurou depressa a tubulação com o outro pé, posicionou-se e deu um impulso *forte*. Espocou como uma rolha, depressa o bastante para seu cabelo se soltar de qualquer que fosse a coisa grosseira que o havia prendido. O puxão violento lhe abriu a boca à força.

Nesse momento, Auri começou a se afogar. Com a boca cheia d'água, engasgou-se e sufocou. Mas, enquanto o líquido lhe enchia o nariz e a garganta, não houve nada que ela temesse mais do que perder a firmeza na mão e deixar a carga de metal resvalar para a escuridão.



Perder Foxen era ruim. Ia deixá-la cega e solitária no escuro. Ficar presa sob os canos e sufocar até a morte também seria terrível. Mas nenhuma dessas coisas era *errada*. Deixar o metal deslizar para a escuridão simplesmente não podia acontecer. Era algo impensável. Era tão disparatado que a aterrorizava.

Seu cabelo agora estava livre e girava em torno dela na água, feito uma nuvem de fumaça. Auri segurou uma curva de cano, reconfortante, familiar. Ela se impulsionou para cima, agarrou-se de novo e encontrou mais um apoio. Cerrou os dentes, sufocou, puxou e agarrou.

Chegou à superfície, ofegante e cuspiendo água, e tornou a deslizar para baixo.

Um segundo depois, voltou a subir, escalando, como se tivesse garras. Dessa vez, segurou a borda de pedra do poço com a mão livre.

Auri içou o objeto para fora d'água e ele bateu no chão de pedra com um som de sino. Era uma engrenagem brilhante de bronze, grande como uma bandeja. Muito mais grossa que seu polegar. Tinha um furo no meio, nove dentes e uma lacuna irregular, de onde o décimo dente fora arrancado muito tempo antes.

Estava cheia de respostas verdadeiras e de amor e luz de lareira. Era linda.

Auri sorriu e vomitou meio estômago de água nas pedras. Teve outra ânsia de vômito e virou a cabeça para que o líquido não espirrasse na luminosa engrenagem.

Depois tossiu, encheu a boca de água e a cuspiu no poço. A engrenagem jazia, pesada como um coração, nas pedras frias do Doze Amarelo. A luz que vinha do alto deixava sua superfície bruxuleante e dourada. Parecia um pedaço de sol que Auri houvesse trazido das profundezas.

Ela tornou a tossir e estremeceu. Estendeu a mão e tocou a engrenagem com um dedo. Sorriu ao fitá-la. Seus lábios estavam roxos. Ela tremia. Seu coração estava repleto de alegria.

INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores
da EDITORA ARQUEIRO,
visite o site www.editoraarqueiro.com.br
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar
de promoções e sorteios.



www.editoraarqueiro.com.br



facebook.com/editora.arqueiro



twitter.com/editoraarqueiro



instagram.com/editoraarqueiro



skoob.com.br/editoraarqueiro

Se quiser receber informações por e-mail,
basta se cadastrar diretamente no nosso site
ou enviar uma mensagem para
atendimento@editoraarqueiro.com.br

Editora Arqueiro
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia
04551-060 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818
E-mail: atendimento@editoraarqueiro.com.br